

## TEXTOS

### DROGAS. PAGAR COM A CARNE? \*

Adão Luiz Lopes da Costa \*\*

#### RESUMO

*O texto desenvolve uma proposta relativa à busca da completude do corpo através do uso de drogas, álcool, etc. Procura mostrar que se trata, isto sim, de incompletude constitucional do corpo, e que a modernidade promete solução para isso dispensando o falante de franquear o seu desejo: fica na satisfação da necessidade, eludindo a castração.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *corpo, consumidor, morte, castração, falta.*

#### DRUGS. TO PAY WITH THE FLESH?

##### ABSTRACT

*The text develops a proposal concerning the search of completeness of the body through use of drugs, alcohol, etc. It tries to indicate that, to the contrary, the body is constitutionally incomplete and modernity promises a solution by dispensing the speaking subject from admitting his wish: he is reduced to the satisfaction of need, thus eluding castration.*

**KEYWORDS:** *body, consumer, death, castration, lack.*

\* Texto discutido na Hybris com Otávio Augusto Winck Nunes

\*\* Médico; Psiquiatra; Psicanalista; Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre; Diretor da Hybris – Clínica de Psicanálise e Psiquiatria. E-mail: allcosta@terra.com.br

“Nada melhor do que a morte para melhorar a vida”.

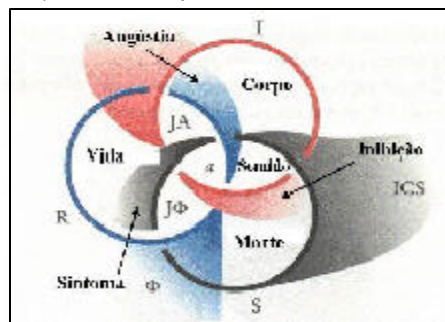
J. L. Borges

Como sabemos, a morte não tem inscrição e, para que isso ocorra, a falta deve escrever-se enquanto inscrição significante, enquanto castração. Por exemplo, podemos dizer que a mulher não tem pênis. Ela, no entanto, só pode ter a dimensão de não o ter se inscrever a sua falta. O problema é que, quando é feita a experiência da morte, não há mais como falar.

A fantasia de imortalidade, a certeza da indestrutibilidade do corpo, de que o corpo não se estraga, permite-nos todas as licenciosidades possíveis e impossíveis; na maioria das vezes, para testar o limite de nossa máquina corporal. Não se trata somente de uma visada obsessiva, mas principalmente de uma exclusão do real, de uma exclusão do real da morte, o que autorizaria a banalização de doenças. Isso ocorre, por exemplo, nas rodas de seringas, onde a circulação de restos de sangue e de secreções abre possibilidades de contaminação, mas isso não conta.

Então, paga-se com o corpo. Poder-se-ia perguntar, mas não se paga com a alma? Supõe-se, também, a imortalidade da alma. Na leitura lacaniana da alma aristotélica, o que está em jogo é o objeto *a*. Lacan refere o objeto *a* como a rocha, a rocha da qual Freud falava, enquanto reserva *irredutível da libido* (Lacan 19/01/1963). A rocha da castração pode ser tomada como o ponto até onde Freud levou as análises com seus pacientes e, por que não dizer, a sua própria. É onde nos deparamos com o objeto que é causa de desejo. Ali está a verdade desta rocha, a verdade do desejo. Lacan afirmou que: “segundo indicação do próprio Freud, que nos disse que nesse nível, no entanto, sem que nada o justifique, é com certa rocha biológica que nos deparamos” (Lacan, 15/05/1963, p.225). Para Lacan, é o objeto *a* do que se trata. Para situar o lugar da alma nesse nível *a*, de resíduo do objeto caído, o que importa é que não há concepção vivente da alma, senão por esta imagem de queda, de queda do objeto.

O objeto *a* está no centro do nó, amarrado, preso nos três registros (real, simbólico e imaginário), como se pode ver abaixo. Como fazê-lo cair?



Pode-se, então, apostar. Apostar o corpo para ganhar uma infinidade de vidas, de vidas imortais, ou passadas. Mas de que aposta se trata, pois, não havendo mais do que uma vida, como apostar *uma* para ganhar *outras* além da morte? Banaliza-se a vida, a própria e a do outro. Não há luto. Pode-se matar porque não há laço libidinal que faça ligação com o outro. Inclusive a expectativa de superar a droga, como a busca por objetos, pode ser feita até encontrar a própria morte, por mais surpreendente que seja. Encontrar a morte desta forma vem, também, na esteira da fantasia de produzir um ato que seja perfeito, acabado, completo, total. É, no entanto, completamente fracassado desde o ponto de vista do gozo, porque não há gozo acabado.

O corpo, para o sujeito, para o ser falante, é corpo falado. O homem, desde o momento em que fala, já está implicado em seu corpo pela palavra. Este corpo falado é, também, o corpo investido. É o narcisismo dos pais que vai tornar o corpo erógeno, é o que vai falar, o que vai organizar, produzir ideais no corpo dos filhos, criando laços. Ocorre que, no estabelecimento do narcisismo, algo sempre fica fora. Disto resulta que este corpo falado, este corpo investido, terá sua totalidade comprometida. Sobra um resto, um resto de corpo não-simbolizado.

O discurso produz um sujeito representado por um significante frente a outro significante. No entanto, esta produção do sujeito também deixa um resto não-simbolizado. Assim como a parte do corpo que fica fora do narcisismo, este resto, também, fica fora do simbólico desde a constituição do sujeito. Falta, portanto, algo no imaginário e algo no simbólico. Podemos falar em um vício de estrutura, de uma falta significativa, falta original em razão da qual o significante não poderia ser significado. Isso ocorre porque, na relação do sujeito com o simbólico, há a possibilidade de uma *Verwerfung* primitiva, ou seja, de que alguma coisa não seja simbolizada na origem, que irá se manifestar no real. Há na origem *Bejahung*, isto é, afirmação do que é, ou *Verwerfung* (Lacan, 1955-1956). Trata-se, então, de se introduzir a categoria do real. Ela define um campo diferente do simbólico: ao real, nada falta. Porém, tanto o imaginário quanto o simbólico, como visto anteriormente, não se totalizam.

O resto do corpo não-simbolizado vai constituir uma reserva, chamada falo imaginário (-φ) (Lacan, 1962-1963) que, por sua vez, passa ser o mais importante para o falante. O φ aparece, nos esquemas de Lacan, no lugar onde o objeto a falta. Para o falante, o corpo é posto em jogo muitas vezes, pois aposta numa infinidade de vidas, porém a reserva, o falo imaginário, não entra na aposta. Paga-se com o corpo para garantir esta reserva. Freud chamou de rocha viva esta reserva última e irredutível da libido.

A busca primeira é para repor o que fica perdido, repor a incompletude com objetos ideais, com coisas substitutas. Tenta-se a defesa da angústia

com um objeto postiço, procurando-se encontrar uma peça móvel que supra esta incompletude. Esta busca por coisas que possam tapar este buraco, impreenchível, pode-se tornar intensa. As drogas, o álcool, os remédios, a comida, os jogos, as compras... constituem promessas irrecusáveis de recuperar esta parte de nossa carne perdida e que, por isso, torna-se, como escreve Freud, o nosso servidor mais fiel (1917 [1915]). Assim, substitui-se a perda. A perda irreparável imposta pela realidade torna-se precisamente a perda destes objetos substitutos. A ausência do objeto é intolerável, produz abstinência, produz, também, angústia.

O fornecimento de objetos substitutos cessa ou ameniza a angústia, o que leva muitos a defenderem esta posição. O mercado serve-se desta falha constitucional do sujeito, oferecendo um ideal de completude, um ideal de igualitarismo distribucional do gozo, amparado, por sua vez, no afã do lucro (mais-valia), conseguindo produzir, desta forma, verdadeiros escravos consumidores. Isto é bom para o mercado.

A idéia, vendida intensamente, de perfeição, de completude, que pode levar ao totalitarismo, alimenta a *fissura*, tanto da fenda quanto da vontade do uso de drogas. Então, a idéia da existência de um gozo igualitário é utilizada para melhorar a venda de coisas, de objetos, porque a elas o falante busca intensamente, para conformar-se com o ideal apregoado de totalização. Isto é diferente da inscrição da falta pela castração. A falta significativa libera o falante desta necessidade postiça de completude.

Não se trata, nesta idéia, de uma conformação das escolhas dos gozos, mas, ao contrário, o sujeito *fissurado* já está conformado. Ele não tem mais escolha. Tem quer ser total.

O desejo é organizado de forma perversa, uma vez que o oferecimento do objeto é justamente para completar o Outro. A busca desta completude nos objetos, nas coisas de consumo, nas drogas, se repetirá infinitamente, na angústia do sujeito para encontrar o objeto que a causa. Mas por esta via só encontrará sua imagem narcísica, uma armadilha que o prende.

Aquilo que fica na condição de reserva (-φ) deste corpo parcial, reservado na fantasia, é algo separado do corpo, algo feito estátua, algo inerte. Podemos chamá-lo de a libra de carne. Carne que é o corpo não-simbolizado e tido como imortal. A libra de carne que, como diz o texto do Mercador de Veneza, de Shakespeare, tem que ser tirada bem perto do coração, ali onde a angústia é insuportável. Melhor dizendo, é sempre com nossa carne que devemos acertar as contas. Carne que nunca foi posta em jogo. Tem a função de resto que sempre voltará, volta enquanto droga que nos consome.

Estes objetos citados, drogas e álcool, são objetos substitutos e ocupam lugar positivo nesta busca de totalização, invertendo a constituição do

sujeito. Na constituição do sujeito, trata-se de que o objeto deixa o seu lugar vazio e se constitui como objeto caído. Remeto-me aqui, de novo, à castração simbólica.

Ao se constituir como sujeito, ao ocupar um lugar no discurso, o falante esvazia o objeto. Lacan dá o exemplo do lactente quando diz: é a criança que se desmama, é a criança que se separa do peito, na medida em que se constitui sujeito. Podemos pensar que é o usuário que dispensa a droga, que não adianta separá-lo da droga se ele a quer. Como a criança de peito, que busca somente a satisfação da nutrição, isto esmaga a demanda de amor em relação à mãe. Não é a solução do desejo. Sua função é a de satisfação da necessidade. O desejo é outra coisa. Os programas relativos a drogadição deveriam apontar, então, para o sujeito.

Se Freud, em suas análises, foi até a rocha viva da castração, cabe-nos impulsionar sua obra. Deparando-nos com o tema proposto no título deste trabalho, para economizar nossa carne precisamos avançar além de Freud? Lacan, no final de seu artigo *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (1957-1958), propõe a seguinte questão: mas se nem em Freud estamos em dia, como fazer para ir mais além dele? Neste sentido, proponho a indagação. E com relação às drogas, estamos na mesma condição? Como franquear esta rocha da castração?

Para ousarmos avançar na psicanálise, Lacan propõe-nos a estrutura subjetiva enquanto nó borromeano (1976-1977). É a partir do corte deste nó que a estrutura pode ser analisada. Este corte faz cair o objeto *a* e possibilita ao gozo entrar no discurso. Ele produz um significante S1, onde até então o sujeito supunha se constituir em um significante qualquer (Sq) para um objeto. Trata-se, então, de mudar de posição para constituir um sujeito em um significante para outro significante, e não mais para um objeto.

Há algum tempo trabalho o tema do sintoma<sup>1</sup>. Neste estudo encontrei o que se pode chamar o *corte do nó*. Trata-se de um corte realizado a partir do sintoma, o que possibilita liberar o nó, deixando cair o objeto *a*. A queda do objeto *a* faz falar, faz discurso. No entanto, o gozo que tem função de real não está em análise. Quando se toma um sujeito em análise, toma-se-o pelo seu discurso; portanto, o que está em análise é efeito de discurso. O corte do nó, por sua vez, possibilita que o gozo entre no discurso, porque ocorre uma

<sup>1</sup> Apresentei alguns trabalhos em jornadas da APPOA e escrevi textos publicados nos correios de Junho/2002 e Janeiro/2003. Ver, também, artigo na revista da APPOA, n° 25 de outubro de 2003: *O corpo e a direção da cura*.

mudança de registro. Muda a condição de escuta do analisando, amarrando-se de outro jeito.

Vejam alguns pequenos fragmentos clínicos que apresento apenas para realçar a importância do *corde do nó*. Devo dizer que, neste trabalho, tenho verificado bons resultados, talvez os melhores em casos de drogas, álcool e tabagismo, muito embora remeta a questão do *corde do nó* relativamente à especificidade da operação psicanalítica.

O fato de Lacan, desde cedo, ter introduzido a noção dos três registros da fala, ou seja, o simbólico, o imaginário e o real, é que permite desde logo abordar a especificidade da operação psicanalítica.

Um sujeito alcoolista de longa data elogia a firma em que trabalha, elogia os patrões. Quando comento: "mas eles estão crescendo". Isto produz um branco<sup>2</sup> em seu pensamento. Após algumas sessões, ele pode escutar-me dizer-lhe que "talvez estivesse na hora de parar de beber". Houve uma mudança de registro e ele conseguiu escutar. Parou de beber. Esta relação de crescimento profissional o remeteu imediatamente a seu pai, a quem sempre criticou por estagnação e servidão profissional. Isto tem a ver com o branco, na medida em que se encontrou, por um instante, em um lugar de identificação.

Jovem estudante usuário de cocaína e alcoolista fala sobre a namorada. Diz que ela está muito interessada nos estudos e estágios, mas que ele não consegue interessar-se. Digo-lhe: "é o trabalho do pai...". Esta pontuação produziu uma equivocação; neste momento ele diz que teve um branco. Ele rompe o namoro e pára com o uso de cocaína. Neste caso, com quem se identificar? Identificar-se com seu pai ou com o pai de sua namorada? Por um instante, viu-se numa atopia ou, talvez, homotopia.

Para finalizar, é isto o que acontece nas adições: a busca da completude, da solução imediata, que dispensa o falante de confrontar-se com o desejo, pois o que ele não quer é, justamente, pagar o preço da castração." [...] temos o discurso analítico que, quando se aceita entendê-lo como o que é, se mostra ligado a uma curiosa adaptação porque, em fim, se é certa esta história de castração, quer dizer que no homem a castração é o meio de adaptação à sobrevivência" (Lacan, 1971-1972).

<sup>2</sup> Um branco nada mais é do que um bloqueio de pensamento.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. (1917 [1915]). Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos. In: \_\_\_\_\_. *Ed. Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- FREUD, S. (1937). Análise terminável e interminável. In: \_\_\_\_\_. *Ed. Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Ed Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. 2. ed. Rio de Janeiro, 1974.
- LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- \_\_\_\_\_. *As psicoses*. O Seminário III. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- \_\_\_\_\_. (1958-1959) *O desejo e sua interpretação*. Seminário VI. Porto Alegre: APPOA, 2002. Circulação interna.
- \_\_\_\_\_. (1962-1963) *L'Angoisse*. Séminaire X. Paris: A.F.I. Seminário inédito.
- \_\_\_\_\_. (1971-1972) *O saber do psicanalista*. Aula de 03/02/1972. Seminário inédito.
- \_\_\_\_\_. (1975-1976) *Le sinthome*. Séminaire XXIII. Paris: A.F.I. 199. Seminário inédito.
- \_\_\_\_\_. (1976-1977) *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Séminaire 24, Paris: A.F.I. Seminário inédito.
- NEYRAUT, M. *La transferência*. Buenos Aires: Ediciones Corregedor, 1976.
- SHAKESPEARE, W. *O mercador de Veneza*. In: Lacan, J. *L'Angoisse*. Séminaire 1962-1963. Paris: A.F.I.